

# São Paulo, 450

## Os que vieram de dentro

Eles começaram a vir há bastante tempo. Muitos eram mineiros, muitos eram nordestinos, que em geral diziam vir do “norte”. Vinham de Minas, do Ceará, de Pernambuco, da Bahia, de Sergipe, da Paraíba e de tantos outros lugares, mas por aqui eram chamados simplesmente de “bairanos”.

Começaram a chegar devagar, por volta de 1930. Primeiramente, para reforçar as fileiras de trabalhadores nas fazendas de café, algodão e cana-de-açúcar no interior de São Paulo e do Paraná. Depois, para atender a demanda crescente de trabalhadores na própria capital e nas cidades do seu entorno. Gente simples para trabalhos simples, ajudantes de pedreiros, varredores de ruas, carregadores nas estações, vendedores nas feiras, etc., de baixa qualificação e de reconhecimento social menor ainda.

Aos poucos, essa corrente migratória interna foi engrossando e ganhando velocidade, na medida em que a corrente imigratória externa ia perdendo força.

Na verdade, os migrantes nacionais vinham ocupar espaços abertos pelos imigrantes estrangeiros, entrando pelos mesmos caminhos e trazendo as mesmas esperanças.

Antonio Pirozzelli/Folha Imagem



"... na zona da seca entre o Rio Grande do Norte e Fortaleza: todo o imenso drama pode ser simbolizado pelo sofrimento do homem que deixa as suas terras e vai trabalhar nas obras de emergência do governo federal ou corre para as cidades, onde fica em hospedarias imundas, à espera de transporte para os estados do Sul ou para a Amazônia". (julho de 1958)

## Os sampauleiros

No final dos anos 1920, os migrantes da Bahia começaram a deixar as terras áridas e empobrecidas dos sertões do São Francisco e da Chapada Diamantina para achar, quem sabe, nova “terra prometida” nas fazendas,

Gil Passarelli/Folha Imagem



fábricas e construções paulistas. Para os que aqui os viam à chegada, eles eram apenas os primeiros “bairanos” – ainda que neste caso se tratasse mesmo de legítimos filhos da Bahia. Para os que lá os viam à partida, esperançosos de conquistar a sua sorte, eles eram os primeiros de muitos “sampauleiros”.

A aventura dos sampauleiros foi recuperada e admiravelmente registrada em pesquisa da professora Ely Souza Estrela, publicada em 2003 pela Humanitas, da FFLCH da USP, e pela Educ, da PUC de São Paulo, sob o título de *Os sampauleiros: cotidiano e representações*.

Em Montes Claros (MG), homens entram pela janela de trem já superlotado por retirantes nordestinos, em fuga do flagelo da seca rumo a São Paulo (SP). (15 de abril de 1952)

# São Paulo, 450

Lá estão identificados muitos dos personagens desta história de quase quatro décadas, com as agruras da viagem, a passagem pela Hospedaria de Imigrantes já então aberta aos nacionais, o internamento e isolamento nas fazendas, o deslocamento para as cidades.

Estão citadas as expressões com que a imprensa da capital traduzia o estranhamento dos que aqui viviam diante dos que chegavam, gente “mal vestida, esquelética e faminta”. Estão detalhadas as dificuldades com que os migrantes do alto sertão baiano tiveram que lidar para criar redes de socialização no novo território

Criança nordestina viaja em caminhão “pau de arara”, de Pernambuco a São Paulo. (agosto de 1953)

físico e social e, ao mesmo tempo, manter as identidades e os vínculos de origem.

Amílcar Bagnatori/Folha Imagem



## Cidade nordestina

Os estudos da professora Ely mostram que a saga dos sampauleiros acabou na década de 1970, com a mudança das condições dos deslocamentos dos sertanejos baianos em direção a São Paulo, ao Sul e ao Centro-Oeste do país. Deslocamentos agora menos constantes e mais sazonais, acompanhando a demanda por mão-de-obra rural nas colheitas de cana, café e laranja, ou urbana, em períodos de incremento da construção de obras públicas e de moradias.

Os fluxos e refluxos migratórios do “norte” para o “sul” sofreram de fato alterações importantes dessa época em diante, determinadas pelo arrefecimento da expansão industrial, no Sudeste, e pelo avanço da fronteira agrícola, no Centro-Oeste. De todo modo, a

Folha Imagem



mobilidade territorial da população segue em níveis elevados. Cálculos oficiais dão conta de que entre 40 e 50 milhões de brasileiros vivem fora de seu local de nascimento, sendo que a maior parte é de brasileiros nordestinos e boa parte está em São Paulo.

No início da década de 1950, segundo as estimativas disponíveis, já viviam na capital paulista cerca de 500 mil mineiros e 400 mil nordestinos, na maioria baianos, pernambucanos, cearenses e alagoanos. Esses números continuaram a crescer, a ponto de, duas décadas mais tarde, metade da população paulistana ser constituída de migrantes. E, de acordo com o Censo de 2000, vivem hoje em São Paulo 3 milhões de pessoas vindas de outros estados, na maioria ainda baianos, mineiros e pernambucanos, ao lado de outros que vieram de mais longe, do Amazonas, do Acre, de Rondônia e de Roraima. Somando-se toda essa gente a quase outro tanto de filhos e netos de migrantes nascidos e criados aqui, conclui-se que São Paulo, entre suas múltiplas faces, tem uma inegavelmente nordestina.

“Começa a operação de limpeza do parque Ibirapuera, para o qual foi formada uma turma de 500 operários”. (6 de junho de 1969)

# São Paulo, 450



Folha Imagem



Operários trabalham, em regime de 24 horas, nas obras de recapeamento da avenida São João, em São Paulo, para a implantação da mão dupla entre o largo do Arouche e a praça Marechal Deodoro. (julho de 1971)

Galinhada do Bahia – A culinária nordestina também faz parte do cardápio paulistano, como neste restaurante do bairro do Canindé. Ao som de forró, são servidas comidas típicas do sertão nordestino, como buchada de bode, galinhada, batata-doce, baião-de-dois, feijão-tropeiro e pirão.

© Eduardo Albarello/Veja



Os tempos mudaram, é verdade, os movimentos migratórios vêm tomando outros rumos e São Paulo, sabidamente, perdeu a força de atração de décadas atrás. Ainda assim, a cidade continua a ser referência para todos aqueles que, acossados pela fome e pela seca ou pela angústia da falta de trabalho, decidem sair em busca de alternativas de vida, permanentes ou temporárias.

Como fez a família do garoto José de Anchieta Costa, de 8 anos, desembarcando na Estação do Norte, em São Paulo, em 1954, depois de três semanas de viagem de caminhão, ônibus e trem desde Caruaru, no Agreste pernambucano. Durante um mês, Anchieta, a mãe e a irmã pequena ficaram num canto da estação, enquanto o pai procurava o que fazer. Com a ajuda de um parente, foi contratado como motorista de ambulância pelo Jockey Clube – seu único emprego, em 35 anos de trabalho. Foram morar de aluguel nos fundos de uma casa de portugueses, no Ferreira, onde a vida, então, recomeçou. José de Anchieta foi mandado para o seminário diocesano de São Roque, mas seu destino era outro – o teatro. Saiu

de lá para mergulhar no mundo das artes. Virou cenógrafo, dos bons. Trabalhou com os melhores diretores, como Antunes Filho e Cacá Rosset, e em 1995 ganhou a Bienal de Praga, “Oscar” da cenografia internacional. Virou um completo pernambucano-paulista. Casado com uma professora universitária de origem armênia, tem três filhos e um neto paulistanos.

Ou como fez a baiana Telkia Dias de Araújo, saindo com dois filhos pequenos em 1995 do povoado de Queimadas, perto de Feira de Santana, para trabalhar como doméstica em São Paulo. Criou nova família, com um filho paulistano, e conseguiu comprar um lote para fazer sua casa. Até retomou os estudos, no curso noturno para jovens e adultos. A vida aqui sem dúvida melhorou, mas se lá as coisas também vierem a ter alguma melhora, a volta para a Bahia passa a ser uma boa possibilidade.

# São Paulo, 450

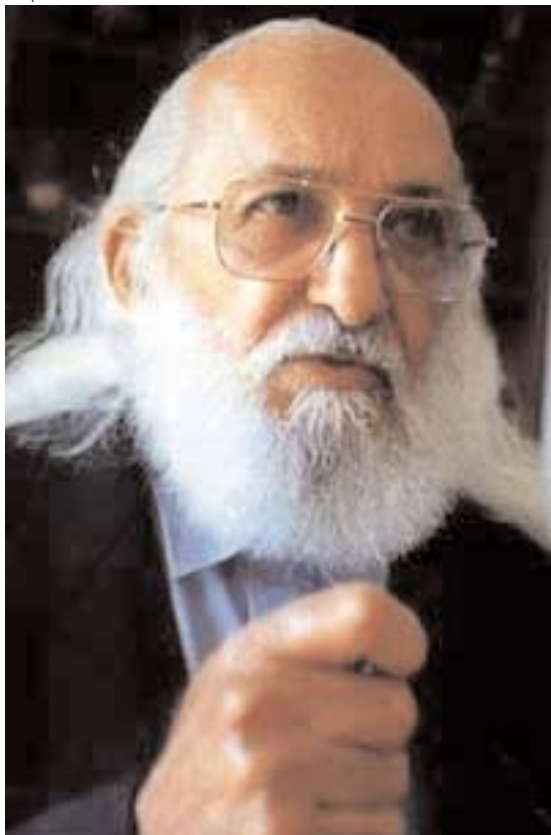
## Marcas na metrópole

As grandes migrações, predominantemente nordestinas, para São Paulo, podem ter perdido sua força inicial, mais por conta da piora das condições na região de chegada do que da melhora das condições nas regiões de partida. Ainda assim, continuam sendo deslocamentos importantes, com impacto na vida da metrópole. E, de qualquer modo, já deixaram suas marcas na história da cidade:

*Na história física e demográfica* – Depois das grandes levas de imigrantes estrangeiros do início do século XX, que fizeram a cidade cruzar a linha dos 2 milhões de habitantes e encher os bairros Brás, Bexiga e Barra Funda, além de Mooca, Ipiranga e Cambuci, foram as grandes levas de migrantes nordestinos que fizeram a cidade cruzar a linha dos 5 milhões de moradores e alargar e povoar as periferias distantes de Santo Amaro, Campo Limpo, Penha e São Miguel, além das cidades em volta, como Guarulhos, São Bernardo, Diadema e Osasco.

*Na história econômica* – A São Paulo contemporânea foi, literalmente, construída por nordestinos. Das populares Cohabs aos condomínios da classe média, das plantas das indústrias às avenidas, viadutos e túneis do metrô, tudo ou quase tudo foi construído com a mão-de-obra

Arquivos Paulo Freire



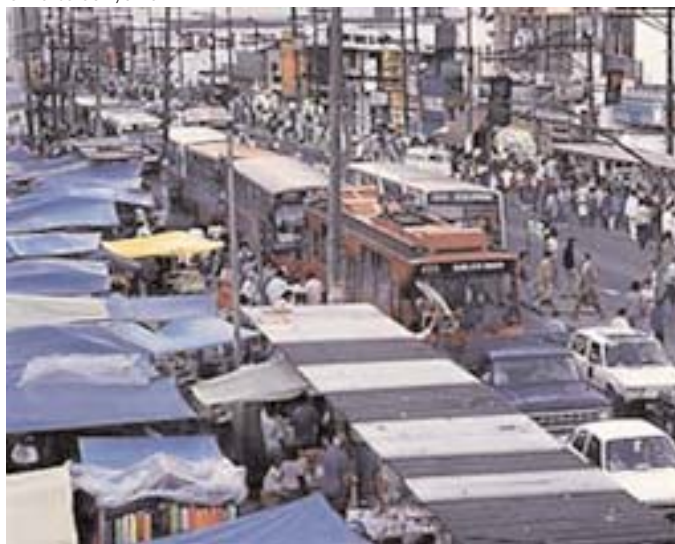
Paulo Freire  
(1921-1997).

© Egberto Nogueira/Veja



São Mateus – Bairro popular no coração da zona leste paulistana, como tantos outros, um reduto de famílias de migrantes.

© Marisa Uchiyama



Largo 13 de maio – Uma feira nordestina na zona sul de São Paulo, parecida com a de Caruaru no Agreste pernambucano.

qualificada ou braçal fornecida pelos “baianos” – mão-de-obra de custo baixo, que certamente ajudou a baratear as obras e a enriquecer os investidores.

*Na história social e política* – O enraizamento dos migrantes, aos poucos, foi mudando a composição da população e a cara da capital e da região metropolitana à

# São Paulo, 450



sua volta. Novas formas de sociabilidade, novas formas de organização e de atuação nas associações comunitárias, sindicatos e partidos fizeram-na mais aberta, dinâmica e tolerante. E fizeram surgir novas lideranças sociais e políticas – inclusive uma prefeita da cidade e um presidente da República.

*Na história cultural* – Aqui, talvez, as marcas mais fortes e visíveis, e não só pela proliferação do forró, do artesanato e da culinária nordestina pelos quatro cantos da cidade, mas principalmente pela integração de artistas, grupos e movimentos à vida cultural de São Paulo. Da participação fundamental do paraibano Assis Chateaubriand, na criação e consolidação do MASP, entre os anos 1940 e 1960, à atuação dos tropicalistas, dos "Novos baianos", de Torquato Neto e Tom Zé, nos anos 1960-1970; da presença do grupo "Brincante", do multiartista pernambucano Antônio Nóbrega, a partir dos anos 1980, passando pelas contribuições valiosas do geógrafo Milton Santos, baiano, e do educador Paulo Freire, pernambucano, a presença dos migrantes mostra-se viva e fecunda em todos os campos e níveis da vida intelectual e cultural da cidade. Sem os "baianos", velhos e novos, São Paulo não seria a mesma. Nem tão rica em valores, símbolos e expressões.

© Antonio Milena



*Antônio Nóbrega* – Além de ajudar a construir a metrópole, os nordestinos têm contribuído para torná-la mais alegre, como vem fazendo o grupo *Brincante*, de Antônio Nóbrega, com seus ritmos e sons, figuras e cores transplantados dos cordões de frevo dos blocos de Pernambuco.